

NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA: Representatividade e desafios no ensino de história.¹

Ana Lúcia Crispim Carbunck²
Gerson Galo Ledezma Meneses³

RESUMO:

Este trabalho teve o intuito de mapear o livro didático manuseado em sala de aula, a partir da ótica do professor que o utiliza e propor outras fontes de conhecimento, e a execução de uma aula-oficina com estudantes que fizeram uma análise de documentos históricos retirados do Jornal Correio Paulistano dos anos de 1854 até 1912, fazendo paralelos com a sala de aula no questionário. Estas coletas de dados foram realizadas desta forma para averiguar o ponto de vista de ambas as partes e com isso, abrir uma discussão acerca do aprimoramento das metodologias didáticas e as práticas de ensino para que possamos ter uma aprendizagem significativa, mostrando alternativas a partir de materiais complementares para suprir as lacunas históricas deixada nos livros didáticos de história, estimulando a representatividade negra e a valorização do ensino de história afro-brasileira.

Palavras-chave: Livros didáticos de história; Representatividade negra; Ensino de história.

RESUMEN:

Este trabajo tuvo la intención de mapear un libro didáctico utilizado en sala de clases, a partir de la óptica del profesor que lo maneja y proponer otras fuentes de conocimiento, y la ejecución de una clase-taller con los estudiantes que hicieron un análisis de documentos históricos retirados del Periódico Correio Paulistano de los años 1854 hasta 1912, haciendo paralelos con la sala de clases en el cuestionario. Éstas recolecciones de datos fueron realizadas de esta forma para averiguar el punto de vista de ambas partes y con eso, abrir una discusión acerca del perfeccionamiento de las metodologías didácticas y las prácticas de enseñanza que podamos tener un aprendizaje significativo, mostrando alternativas a partir de materiales complementarios para suplir los vacíos históricos dejado en los libros didácticos de historia, estimulando la representatividad negra y la valorización de la enseñanza de historia afro brasilera.

Palabras-chave: Libros didácticos de historia; Representatividad negra; Enseñanza de historia.

¹ Esse trabalho trata-se de uma pesquisa de ensino, tese final do curso de História Licenciatura.

² Discente do curso de História Licenciatura da Universidade Federal da Integração Latino Americana – UNILA, Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil; ana.carbunck@aluno.unila.edu.br.

³ Professor Orientador; Doutor em História; Docente da Universidade Federal da Integração Latino-Americana -UNILA; Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil; gerson.meneses@unila.edu.br.

INTRODUÇÃO

A partir de um mapeamento acerca do livro didático de história com os professores de história da rede estadual de ensino, para compreender como estes optam por determinado material que utilizam em sala e como é feito o uso desse material, e em seguida realizar uma aula oficina com estudantes do oitavo ano de uma escola pública, para investigar como os estudantes compreendem e assimilam a história do negro no Brasil, fazendo um paralelo entre a análise do Jornal Correio Paulistano (1854-1912) com o conteúdo ensinado em sala de aula a partir dos livros didáticos, tendo uma importância central a conexão entre essas partes da pesquisa para podermos repensar metodologias didáticas sobre o modo que os professores executam sua prática de ensino de história e com isso conseguirmos alinhar as vivências da sala de aula, com as demandas da lei 10.639/03, acerca do ensino de cultura e história afro-brasileira, e por isso o mapeamento com os professores da rede de ensino, para que essa pesquisa seja uma via de mão dupla. Surgem os questionamentos do porque a dificuldade ou a não aceitação de enquadramento em se auto afirmar como negro. Qual a influência do ambiente escolar a partir dos livros didáticos e que percepção produzem para que a questão da identidade seja motivo de conflitos internos do jovem, e para isso, analisar como o negro é posto no livro, tanto nas imagens quanto nos discursos. Remodelar o ensino de história no âmbito escolar é um modo dar vida à diversidade que possuímos e:

Ao localizarmos o conceito e o processo da educação no contexto das coletividades e pessoas negras e da relação dessas com os espaços sociais, torna-se imperativo o debate da educação a serviço da diversidade, tendo como grande desafio a afirmação e a revitalização da auto-imagem do povo negro. (CAVALLEIRO, 2005, p.15)

Para podermos ensinar é preciso que haja uma perspectiva a partir de um panorama geral/participativo e não excludente, onde todos os recortes históricos sejam trabalhados e que seja dado o devido valor as diversas formas de epistemologia. Os avanços e declínios da época colonial deixaram rastros em nossa sociedade, os avanços civilizatórios só eram validos a partir de uma perspectiva europeia, refutando tudo e todos aqueles que se opunham e obrigando através da colonização a unir-se a esse sistema. Observar de que forma o negro é colocado nos anúncios no jornal durante os anos de

1888⁴, e como são substituídos por europeus ao longo dos anos após a vinda dos europeus⁵ para suprir a política eugenista de branqueamento da população brasileira e questionar o estudante qual é a sua percepção com relação a isso, e como o negro é representado nos livros didáticos promovendo um debate sobre o estigma posto sobre os negros pós lei áurea, foi um fator atenuante para a marginalização e discriminação da população negra do Brasil. Para poder analisar o contexto da sala de aula e a prática de ensino de história discorri ao longo do artigo a respeito de algumas proposições sobre a história social e cultural, acerca dos métodos, objetos de pesquisa, fontes e fundamentos teóricos com o ensejo de analisar a realidade em sala de aula foi feita uma pesquisa. Com a avaliação dos resultados obtidos no mapeamento encontrei na aula-oficina a viabilidade para suprir as demandas acerca da história do negro no Brasil fossem exploradas pelos estudantes, possibilitando uma complementação ao material didático utilizado em aula. A proposta é problematizar a construção da história social e cultural do negro no Brasil a partir do livro didático, articulando isto com a análise documental realizada do Jornal Correio Paulistano dos anos de 1854 à 1912, que apresenta um recorte onde o negro sai da condição de escravo e passa a ser um trabalhador livre, porém não valorizado. O processo de observação durante esta pesquisa foi primordial, pois aqui o intuito é que discutir o tema baseado no que os sujeitos envolvidos apontam em suas respostas, compreender a partir da ótica de terceira pessoa a realidade da sala de aula. Com as reflexões, perspectivas e respostas trazidas foi possível inferir medidas didáticas que possibilitem a valorização do ensino da história afro-brasileira em sala de aula, tornando-se parte do ofício do professor.

2. A FORMAÇÃO DOCENTE E A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Ao ter como objeto de análise o ambiente escolar e os indivíduos ali inseridos é válido compreender as concepções que permeiam esse “microcosmo”, no livro “Ciência e existência” (PINTO, 1969), fala sobre cultura e como essa é produto de um processo produtivo e tem como objetivo “hominizar” o ser humano, que consiste basicamente em fazê-lo aderir ao caráter da espécie humana, tendo como pressuposto um padrão normativo. A escola é o segundo contato da criança/jovem com a sociedade, o primeiro é

⁴ Lei Imperial n.º 3.353, sancionada em 13 de maio de 1888, extinguindo a escravidão no Brasil, popularmente conhecida como Lei Áurea.

⁵ A crise de desemprego que ocorre na Europa na passagem do século nos manda 7 milhões de europeus. Quatro e meio milhões deles se fixaram definitivamente no Brasil, principalmente em São Paulo, onde renovaram toda a vida econômica local. RIBEIRO, Darcy. **O POVO BRASILEIRO: A formação e o sentido do Brasil**. 1ª reimpressão; São Paulo: Companhia Das Letras, 1995. p. 194.

o núcleo familiar, sendo o primeiro citado um espaço delimitado, cheio de regras, normas, direitos, deveres e proibições, que caso burladas acarretam uma punição, tal como na sociedade como um todo.

Percebo o ambiente escolar como um estágio preparatório para a vida laboral, pois nele o estudante cumpre seu trabalho – que é estudar – tem horários delimitados, pausa para refeição no meio do expediente e retorna as atividades que são desenvolvidas na sala de aula, sentados enfileirados e (re)produzindo. Com isso, experiências são acumuladas e absorvidas pela comunidade estudantil e isso é algo que ocorre há séculos, logo PINTO (1969), acredita que a cultura pode ser tida como uma manifestação histórica:

A cultura é um bem de consumo, que a sociedade obrigatoriamente, mediante a educação, distribuiu a seus membros. Mas por outro lado, a cultura, sendo o acervo de conhecimento e de instrumentos que vão permitir a exploração coletiva do mundo pelo homem, revela-se claramente um bem de produção, um meio de operar sobre a natureza, uma forma social a serviço da sobrevivência do indivíduo e da espécie. (PINTO, 1969, p. 124).

Nesta pesquisa busquei a aproximação entre a etnografia e a educação, pois assim pude implementar diversas contribuições que a pesquisa etnográfica trouxe para os estudos das práticas escolares, entre eles, deixar de analisar um fato isolado para poder observar o todo, permitindo o pesquisador ter abertura e flexibilidade para analisar dados, procurando representar a opinião dos envolvidos na pesquisa escolar, mostrando aspetos do dia a dia na escola, abrindo uma nova corrente de estudos chamada de “pesquisas do cotidiano escolar”. Relacionando questões culturais de grupos e indivíduos, acerca de situações na sala de aula, a partir da dimensão pessoal e interacional:

Além das contribuições já mencionadas, a abordagem etnográfica possibilitou a identificação de "bons professores", revelou "práticas escolares bem-sucedidas", desvelando possibilidades dentro das condições e limitações do trabalho pedagógico das escolas públicas brasileiras. (ANDRÉ, p.4, 1997)

A cultura escolar é tanto o conjunto de saberes presentes nas determinações dos mitos, dos comportamentos, das tradições, das inovações e das relações sociais. Para SILVA (2006), quando analisada como objeto a cultura escolar, não se investiga a essência da escola, mas aborda a identificação de cultura, relações social e poder, nos levando a refletir sobre diferentes paradigmas como espaço, tempo, discurso culturais,

habitus e práticas. Percebendo que a escola não é apenas um espaço de encontro de diferenças e aceitações, no entanto proporciona um cruzamento de mediação cultural, promove significados, sentimentos e condutas.

Para a elucidação desse cruzamento, detalha diferentes aspectos que compõem as culturas crítica, social, institucional e experiencial, que interagem no espaço escolar e cujo conhecimento auxilia a esclarecer o conjunto de fatores, muitas vezes imperceptíveis, que alimenta a cultura escolar (SILVA, p. 213, 2006).

Quando identificada essas culturas proporciona experiências que ampliam novas ferramentas de reflexão tornando disponível comparações e dados, métodos intra e extra escola.

Viñao Frago concebe a cultura escolar como aquele conjunto de práticas, normas, idéias e procedimentos que se expressam em modos de fazer e pensar o cotidiano da escola e, esses modos de fazer e de pensar – mentalidades, atitudes, rituais, mitos, discursos, ações – amplamente compartilhados, assumidos, não postos em questão e interiorizados, servem a uns e a outros para desempenhar suas tarefas diárias, entender o mundo acadêmico-educativo e fazer frente tanto às mudanças ou reformas como às exigências de outros membros da instituição, de outros grupos e, em especial, dos reformadores, gestores e inspetores (FRAGO, p. 100, 2000).

Portanto a etnografia tem contribuído para se pensar e dar um novo significado ao espaço escolar, procurando articular dentro de outros aspectos a cultura e escola, voltado para interpretações sócias e culturais. Os modelos pedagógicos dominantes, logo, tradicionais no mundo ocidental, estão ainda muito vivos dentro da sala de aula, no entanto houve um avanço com relação aos paradigmas educacionais, mas as mudanças ainda estão no início, no entanto o que Isabella Barca chama de aula-conferencia, que é o professor detentor de todo o verdadeiro conhecimento (acadêmico) e o estudante uma tábula rasa a ser preenchida, sendo os estudantes avaliados através de provas, por mais que ainda seja praticada as aulas expositivas não são mais consideradas a melhor opção há algum tempo. As aulas colóquios propõem de certa forma uma educação mais contributiva ainda que com suas limitações, por conta da possibilidade de problematização e compartilhamento, mas com o ponto negativo de que ainda se centra em sua maior parte no professor e seus aportes didáticos.

Já em uma aula-oficina terá que ter uma percepção social além do que exige o plano de ensino e livros didáticos, sendo o estudante sujeito ativo e desafiador de si

mesmo, partindo de suas próprias experiências e vivências e o professor deverá saber explorar essas particularidades, organizando-as de acordo com o proposto por ele e problematizando de acordo com o que ele irá compartilhar, sendo uma aula dinâmica e com uma metodologia ativa, pois tira ambas as partes de suas zonas de conforto, fazendo o professor inserir atividades e materiais didáticos diversificados que nos modelos anteriores não seriam possíveis.

Ensinar é um processo de transmitir, compartilhar um conhecimento. A didática é uma ferramenta que nos auxilia nesse momento tão cirúrgico que é ensinar. Se você não sabe manusear a didática, sua aula nunca atingirá o objetivo maior que é a absorção do compartilhamento por parte do estudante. É uma questão de prática, renovação e constância, e é sempre preciso um reabastecimento cíclico de mais conhecimento, para que não enferruje. Mas será a sua prática em lidar com a didática que te ajudará a saber ministrar esses diversos conhecimentos sejam eles “acadêmicos” ou “não”.

Com a psicanálise podemos refletir acerca da formação docente, pois sempre foi tido que está se limitava ao caráter técnico, anulando todo o processo que cerne esta construção do docente e na humanização de sua prática, pois estes irão lidar com outras pessoas que estão em processo de formação. A partir da proposição que temos na universidade acerca de interdisciplinaridade irei explorar um pouco acerca de Vigotsky que analisa as categorias social e cultural, permeando o materialismo histórico-dialético, que serve de base para muitos estudos e pesquisas a respeito de educação escolar. Vigotsky analisa o desenvolvimento da aprendizagem e da linguagem e explica que estas dependem de funções naturais, mas a internalização das mesmas as transformam em funções culturais. Logo a captação e compreensão por parte do educando é primordial para o professor, Vigotsky não criou sua teoria para analisar o âmbito escolar, mas sim a interação e integração das crianças no meio social, porém está se adequou às necessidades da área. Os processos de ensino andam em conjunto com o desenvolvimento psíquico, variando historicamente de acordo com o espaço temporal em que se dá e o contexto do mesmo, e os estudiosos da área psicológica analisavam de maneira unilateral. Vigotsky trata de modo universal, sendo a educação intrínseca ao crescimento da criança e jovem, logo os processos de ensino-aprendizagem são essenciais para o desenvolvimento destes, sendo a apropriação da cultura indispensável para que as funções naturais se transformem em culturais ampliando seu campo inteligível e humano.

Trabalhar o lado afetivo do estudante para que ele, dentro desse espaço temporal, se sinta inserido nessa historiografia, que é apresentada no livro didático e articular a educação em conjunto com as particularidades dos estudantes, tal qual propor a inovação no meio acadêmico, para que possamos melhorar nossos aportes teóricos, e transformar a didática em algo mais dinâmico. Dar espaço às falas e vivências dos estudantes é importante para que eles se sintam inseridos nesse molde de linha temporal cronológica que as aulas de história ainda utilizam. É preciso que esta parte mais afetiva seja inclusa no processo de formação dos docentes, é a partir da psicanálise que o docente irá escolher a melhor forma de trabalhar com cada tipo de estudante e faixa etária por exemplo:

É numa relação de diálogo e de escuta que a educação será uma relação de respeito à pessoa da criança. Respeito e compreensão ao seu comportamento e às etapas de seu desenvolvimento psíquico e afetivo. (PEDROZA, 2010, p.83).

Adequando-se a teoria com a prática de acordo com as necessidades vivenciadas pelo professor para melhorar sua didática e mediar os conflitos em sala de aula, sendo o processo ensino-aprendizagem uma troca dinâmica e não algo mecanizado e hierárquico.

3. DESAFIOS NO ENSINO DE HISTÓRIA E MAPEAMENTO COM OS PROFESSORES DE COLÉGIOS ESTADUAIS

A sala de aula tem um papel político essencial na vida dos estudantes sendo o professor o orientador desse processo de absorção, pois ele irá através de sua metodologia incorporar determinados assuntos, ainda que ele não seja o pesquisador, ele agregou-se do conteúdo para compartilhar. Portanto os que praticam o ato de ensinar história em sala, fazem história pois, o ato de transmitir torna o professor um ator ativo em disseminar a história, reafirmando-se através desses processos como autores em exercício de docência. O ato de ensinar é também uma atividade recíproca de aprendizagem, quando estamos abertos à esta, pois somos sujeitos de passagem. Poder explorar diversos contextos históricos e situar os estudantes no espaço temporal e ao mesmo tempo inseri-los nessa realidade histórica a partir de suas vivências é um dos pontos essenciais na minha percepção:

A possibilidade de transformar um grupo de pessoas a partir do que compartilhamos em sala de aula é algo que nos modifica a cada entrada em sala de aula e contato com os estudantes. Como fala Fred em seu livro, se o propósito do ensino é promover a aprendizagem, é preciso então indagar o que queremos dizer com essa expressão. (ZIMRING, 2010, p.34)

E a partir disso nos questionar acerca da aprendizagem histórica e fazer o mesmo com os livros didáticos, que por muitas vezes como em meu relatório de estágio I⁶, apresentei que a história omite fatos em diversos momentos e para sujeitos específicos, pois a história que é trazida pelos livros didáticos é baseada no contexto branco patriarcal e eurocêntrico, excluindo diversos grupos sociais e culturais. Saber a forma como iremos problematizar essas falhas no ensino de história também é primordial para que possamos tocar a cada estudante que se sente invisibilizados por estes aportes didáticos, encontrando um meio através do ensino e aprendizagem de inseri-los tal qual suas vivências no nosso plano de ensino. Ou seja, o ensino e a aprendizagem de história não têm um molde prévio, ao menos não o ensino que nós estudantes de hoje estamos propondo em fazer e futuramente quanto docentes, esses processos são constantemente passíveis de mutações de acordo com a especificidade de cada sala de aula, estudante ou época. Temos no país um déficit classista, gerado através do processo colonizador, que ronda desde sua idealização como estado nação, até os dias atuais, respingando nas questões sociais, compelindo tanto os que aqui já habitavam, como para os que através de processos violentos vieram para cá.

O Brasil tem suas particularidades por descender de tantas etnias que foram adaptando-se e remodelando-se, de forma “espontaneamente imposta”, suprimindo identidades afim de unifica-las em um retrato nacional. Precisamos compreender os traumas históricos deixados pela colonização para podermos analisar os recortes históricos que são suprimidos da nossa historiografia. Os professores têm autonomia sobre suas aulas, mas, seguindo a lei de diretrizes e bases, utilizam também os livros didáticos em sala de aula, fazem atividades, trabalhos e provas. O mapeamento realizado com os professores da rede estadual de ensino que lecionam desde a sexta série ao ensino técnico, apresentou que ainda precisamos progredir em relação ao processo de escolha do livro didático, pois é delimitado pouco tempo para a análise desse material: *“Normalmente as escolhas são feitas com pouca análise devido o tempo que tem para escolher. Por isso sempre se utiliza outras fontes além do livro didático”⁷*, Fazendo com que os professores tenham que buscar em outras fontes conteúdo que preencha as lacunas apresentadas no livro, pois respondendo à segunda pergunta do mapeamento foi

⁶ CARBUNCK, Ana Lúcia Crispim. Relatório de Estágio I. UNILA, Foz do Iguaçu, 2017.

⁷ Resposta de professor da rede estadual de ensino, referente à questão 01 do mapeamento, com base no mesmo livro didático utilizado pelos estudantes. Fonte: Dados da Pesquisadora, 2018.

respondido que “*Grande parte dos livros didáticos continuam com enfoques rasos sobre a cultura afro-brasileira*”⁸. Os professores veem o livro didático como base de apoio tanto para eles como para os estudantes, as fontes secundárias utilizadas por eles permitem a ampliação do assunto através de outras perspectivas, somadas às metodologias e material pedagógico e consideram o estudante um agente em construção no processo de aprendizagem. Ainda que o enfoque dado à história afro-brasileira continua sendo raso e trazido de forma superficial, os professores afirmam que a representatividade negra nos livros didáticos vem melhorando e abordam temas como o tráfico de escravos como “dominação e resistência”:

“Os livros que eu tenho usado estão trabalhando com a resistência desses indivíduos, coisa que até um tempo atrás não acontecia. Pois só se falava da exploração, como se tivessem aceitado numa boa aquela condição.” Resposta de professor da rede estadual de ensino, referente à questão 03 do mapeamento, com base no mesmo livro didático utilizado pelos estudantes.” Fonte: Dados da Pesquisadora, 2018.

Compreender o negro como uma pessoa forte e mostrar o processo desde quando eram capturados na África até a chegada no Brasil, apresentando as civilizações antigas, a escravidão e em algumas séries o papel do negro hoje na sociedade. Acerca da história africana o livro traz poucos elementos relacionados ao tema, que são trabalhados de forma específica durante a semana da consciência negra, como relata professor em resposta à questão 04 do mapeamento:

“O livro que estou no momento apresenta a dominação e a resistência dos povos escravizados. No momento ele traz figuras de personagens que se destacam em meio a sociedade, personagens ilustres contemporâneos, apresenta a congada como forma de resistência. Porém em relação as imagens que remetem ao processo histórico, da vinda forçada, o dia dia de trabalho em solo brasileiro, bem como em sua maioria narrativa, os frutos são fortes pois me relaciona a este processo de escravização do ser humano. Interessante o paralelo com o presente principalmente com o trabalho escravo que ainda ocorre no Brasil, possibilitando a reflexão. Resposta de professor da rede estadual de ensino, com base no mesmo livro didático utilizado pelos estudantes.” Fonte: Dados da Pesquisadora, 2018.

Por fim questionei livro trabalha história da África, e quais os temas trabalhados:

“As civilizações antigas, a escravidão e para algumas séries o papel do negro hoje na

⁸ Resposta de professor da rede estadual de ensino, referente à questão 02 do mapeamento, com base no mesmo livro didático utilizado pelos estudantes. Fonte: Dados da Pesquisadora, 2018.

*nossa sociedade.*⁹” Ao pedir para que os professores falassem sobre seus estudantes negros e pardos, estes disseram que por sala o número de estudantes as vezes não é superior a cinco, e que muitos não se identificam como negros, e que são mais suscetíveis à desistência de prosseguir estudando por conta dos fatores socioeconômicos por viverem em situação de risco. Alguns professores já presenciaram situações onde houve uma atitude racista de um estudante com o outro, mas os que não estavam no momento relatam que ficaram sabendo através de seus estudantes e que durante a aula acabam trazendo a temática para discutir com a turma. Creio que devemos aceitar que estamos diante a um problema social que se constituiu a partir de diversos processos históricos e que ainda hoje influenciam em diversos setores da sociedade e um deles é a educação e dentro disso o ensino de história trabalhado a partir dos livros didáticos e a importância que se dá a determinados temas e outros são tratados com certo desinteresse. Nota-se com as respostas obtidas no mapeamento que as lacunas historiográficas ainda persistem e que infelizmente não se é buscado aportes que preencham efetivamente as falhas do material utilizado em sala de aula de fato.

4. AULA OFICINA – CINE DEBATE E ANÁLISE DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS

A pesquisa dos professores Edmar José da Rocha e Fúlvia Rosemberg que resultou no artigo: *Auto declaração de cor/raça entre escolares paulistanos (as)*¹⁰ fez surgir o interesse de entender o motivo desses jovens em usar diversos termos para se autodeclarar (marrom, parda, morena, mulata, ...). Analisar o que os estudantes entendem a respeito de história afro-brasileira, se estes estão instigados a saber mais a respeito do tema e mais do que isso, compreender onde nós professores devemos aprimorar nossas metodologias didáticas e práticas de ensino. O objetivo desta aula oficina é estimular a valorização dos estudos afro-brasileiros e preservação histórica para fortalecimento no processo da construção de identidade a partir da representatividade. Possibilitando reflexões sobre o processo histórico do negro no Brasil, a partir do recorte histórico

⁹ Resposta de professor da rede estadual de ensino, referente à questão 05 do mapeamento, com base no mesmo livro didático utilizado pelos estudantes. Fonte: Dados da Pesquisadora, 2018.

¹⁰ ROCHA, Edmar José da; ROSEMBERG, Fúlvia. Autodeclaração de cor e/ou raça entre escolares paulistanos(as). Cad. Pesqui., São Paulo, v. 37, n. 132, p. 759-799, Dec. 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742007000300012&lng=en&nrm=iso>. access on 08 Dec. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742007000300012>.

anteriormente citado. Segundo Ana Célia da Silva em seu livro a representação social do negro no livro didático:

“Ao veicular estereótipos que expandem uma representação negativa do negro e uma representação positiva do branco, o livro didático está expandindo a ideologia do branqueamento, que se alimenta das ideologias, das teorias e estereótipos de inferioridade/superioridade raciais, que se conjugam com a não legitimação pelo Estado, dos processos civilizatórios indígena e africano, entre outros, constituintes da identidade cultural da nação (SILVA, 1989, p 57).”

Essa aula oficina teve como propósito além de fomentar a pesquisa acerca do tema, incentivar os indivíduos à valorização da história do negro no Brasil, promovendo a partir de perguntas no questionário o debate em sala de aula sobre como o negro é representado no livro didático, tópico que exploraremos a diante. Nos deparamos com uma sala que tinha sua maioria parda, mas em que diversos momentos fui questionada: “professora, que cor eu sou? ”, o colorismo¹¹ proveniente da mestiçagem traz consigo os degraus quebrados da pigmentocracia, onde os negros com a pele mais clara, tem mais privilégios e sofrem menos preconceito, faz com que esses jovens não consigam se identificar quanto sujeitos negros, ainda que o sejam, porque por mais que estes possuam mais privilégios, sofrem um racismo velado que vem através de diversos mecanismos, os mais usuais são as piadas, apelidos, brincadeiras, desdém, e outros, seja por amigos, familiares ou pessoas de seu convívio, gerando assim um constrangimento de falar sobre ou até mesmo de falar sobre assuntos relacionados pois, se sentem incapazes de opinar ou até mesmo com vergonha. Ao todo tivemos a participação de 25 estudantes, que variaram as idades de 13 a 16 anos, todos da mesma sala de oitavo ano do ensino fundamental. Os estudantes são o núcleo desta pesquisa e o objetivo de ter feito essa aula oficina é que haja o princípio de uma tomada de consciência. Irei explorar duas respostas trazidas por estudantes mediante a cada pergunta feita no questionário.

A apresentação do documentário “História da Resistência Negra no Brasil - Documentário de José Carlos Asbeg” e posterior a isso a análise dos documentos históricos foi o método em que eu inseri o recorte dos anos que antecedem a libertação dos escravos e os anos subsequentes, pois no imaginário de muitos brasileiros ao conseguir a aprovação da lei áurea os negros libertos passam a fazer parte da sociedade

¹¹ O termo *colorismo* foi usado pela primeira vez pela escritora Alice Walker no ensaio “If the Present Look like the Past, What Does the Future Look Like? ”, que foi publicado no livro “In Search of Our Mothers’ Garden” em 1982.

como cidadãos que tem direitos e deveres protegidos por lei, quando o que percebemos ao analisar os documentos e assistir ao documentário que a luta dos negros no Brasil por direitos civis havia apenas começado. Analisar edições do jornal Correio Paulistano, de anos variados entre 1854 até 1912 e observar especificamente os anúncios que são feitos referente à compra e venda de escravos, fugas e outros, e a transição após a lei imperial nº 3353, que foi sancionada em 13 de maio de 1888, extinguindo a escravidão no Brasil. Pedi para que os estudantes comentassem como eles avaliam os anúncios encontrados até a data de 1888 e apresentasse a diferença destes com os de 1898 em diante, resposta de um estudante:

“Onde 1854 anuncia a venda de um criado onde no mesmo anuncia a fuga de um. 1900 depois da escravatura já não tem mais assinatura relacionados a eles. ” (8ª série, 16 anos, masculino, pardo) Fonte: Dados da Pesquisadora, 2018.

Resposta de outra estudante:

“Em 1854 os escravos eram vendidos como mercadoria. Já em 1888 adiante, a escravidão foi abolida. Em minha opinião isso é absurdo, os negros tem que ter todo respeito e liberdade, principalmente nos dias atuais. ” (8ª série, 13 anos, feminino, negra) Fonte: Dados da Pesquisadora, 2018.

Reunir as concepções trazidas pelos estudantes e estimular questionamentos para podermos tecer o entendimento acerca do tema. A participação dos estudantes foi muito positiva por parte dos estudantes, esses em sua maioria conseguiram perceber a objetificação dos negros nos anúncios, notaram que o negro foi sendo deixado de lado e sendo trocado por ofertas de trabalho para especificamente os europeus. Creio que as lacunas históricas presentes nos livros didáticos trazendo apenas o período de escravidão como parte principal a ser mostrada e sem um viés crítico e sem a ênfase necessária para a história dos negros no Brasil faz com que os estudantes não se questionem acerca da ausência de anúncios que busquem apenas pessoas com nacionalidades europeias ao invés de também buscar negras para trabalhar após a aprovação da lei áurea.

Na segunda questão indaguei se o assunto trabalhado na oficina eram também abordados em sala de aula, de que forma e se o estudante acredita que é importante conhecer mais a respeito da história do negro no Brasil e o porquê. Uma das respostas obtidas foi:

“Não! Porque isso não é frequente não e sim. Por que isso foi muito tempo atrás e tipo agente tem que dar mais valor ao negro. ” (8ª série, 14 anos, masculino, negro) Fonte: Dados da Pesquisadora, 2018.

Outra resposta referente à questão 02:

“Não. Eu acho que sim pois ainda existe muito preconceito no Brasil” (8ª série, 14 anos, masculino, branco, humano) Fonte: Dados da Pesquisadora, 2018.

As dúvidas que surgiram com as respostas da primeira pergunta se dissolvem um pouco com a resposta da segunda questão, ao total 11 estudantes acreditam que é importante conhecer mais a história do negro no Brasil, o que faz com que eles estejam numericamente divididos para responder sobre essa pergunta? Falta clareza quando tratado o assunto em sala de aula? Quais são os principais problemas enfrentados pelos professores quando se refere a esse tema? Problematizar esses questionamentos e levá-los de encontro com as respostas trazidas pelos professores é importante para perceber as falhas do ensino de história.

Logo em seguida na questão de número três, busquei unir a análise dos documentos históricos e o assunto que permeia a discussão que é o mercado de trabalho, da época da abolição e posteriormente os dias atuais, e se essa discussão a respeito da questão racial é importante para o assunto tratado, uma das respostas foi:

“Mais ou menos. Não pois muitos são racistas. Sim pois é bom sabermos a realidade do nosso mundo. ” (8ª série, 13 anos, feminino, branca) Fonte: Dados da Pesquisadora, 2018.

Outra resposta que pode ser problematizada é:

“Mais ou menos, porque ainda existem pessoas que tem esse preconceito e muitas vezes as crianças negras não a mesma educação que as brancas, elas tem que trabalhar para ajudar a família. ” (8ª série, 14 anos, feminino, branca) Fonte: Dados da Pesquisadora, 2018.

Nove dos 25 estudantes acreditam que a questão racial é importante ser trabalhada conjuntamente com o tema abordado na oficina, tal como cinco estudantes afirmam que existe preconceito e pessoas racistas, e logo abaixo vemos que algumas estudantes acreditam que um dos motivos que os negros não são inseridos no mercado de trabalho efetivamente seja por conta dos contratantes serem relutantes em empregar uma pessoa por conta da cor da pele, explicando que ainda existe pessoas racistas e injustas. Quatro estudantes no total, falaram que não foi possível notar a inserção do negro no mercado de trabalho após a aprovação da lei áurea, mostrando um dos pontos principais desse trabalho, em analisar as datas antes e depois da aprovação da lei áurea e quatro

estudantes disseram o mesmo para os dias atuais. Por fim, o que eles falaram também é que os negros estão inseridos no mercado de trabalho, no entanto não é tão fácil a aceitação do negro, tal como é a de uma pessoa branca.

Por fim, em minha última questão discursiva eu tratei novamente de questionar acerca do livro didático e a forma que o estudante analisa o mesmo, nessa pergunta trouxeram diversas perspectivas que me auxiliaram ao longo do meu trabalho em repensar as ferramentas de ensino utilizadas em sala de aula, e acredito que estimule a transgressão da didática a partir do livro didático, questionando e estimulando buscar outras fontes de conhecimento é um dos meios, pois o professor têm o gatilho para impulsionar o estudante ao novo. Nessa questão os estudantes responderam de modo diverso, mas resumidamente podemos ver que eles veem que o livro didático¹² trabalha em sua maioria o período de escravidão, mostrando apenas o passado e não os dias atuais, assim como falam que o livro não fala o que ocorre na história do negro após o período de escravidão. Uma parte dos estudantes fala que os livros deveriam mostrar mais as lutas dos negros no Brasil tal qual seus líderes e influenciadores.

“Nas imagens dos livros, os negros e escravos são tratados de forma cruel. Porém mostram suas lutas. Nós temos que conhecer nossa história para a vida social e intelectual, para obter conhecimento e cultura.” (8ª série, 13 anos, feminino, negra) Fonte: Dados da Pesquisadora, 2018.

Outra estudante respondeu da seguinte forma:

“Nos livros didáticos eles só abordam como era as coisas antigamente com a escravidão e não abordam como são as coisas hoje em dia.” (8ª série, 15 anos, feminino, branca) Fonte: Dados da Pesquisadora, 2018.

O mais importante é que de um modo ou de outro, diversos falaram que é importante falar sobre história afro e afro-brasileira para ter conhecimento acerca da cultura, para adquirir conhecimento, lutar por igualdade e mudar o futuro já que não podemos alterar o passado, estudar para ser uma pessoa consciente e para também não reproduzir e conseqüentemente se tornar uma pessoa racista e por fim, auxiliar na formação de caráter. Por fim uma das respostas que creio que sejam interessantes de serem problematizadas em oportunidades posteriores é que “os livros didáticos não condizem com a realidade”. Mostrando assim que temos uma demanda proveniente dos

¹² BOULOS JÚNIOR, Alfredo. Sociedade e cidadania. São Paulo: FTD, 2015. Coleção História. (6º, 8º, 9º ano)

estudantes acerca do ensino de história afro-brasileira que precisa ser suprida pelos professores a alternativa encontrada por mim e que sugiro é a partir de atividades complementares e fontes bibliográficas secundárias que auxiliem nesse processo, trabalhar a história do negro no Brasil.

5. PROBLEMATIZANDO A REPRESENTATIVIDADE NEGRA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO NEGRO NO BRASIL

Para Quijano um dos pilares fundamentais de todo o padrão de classificação social é a ideia de raça que foi constituída a partir do processo de globalização, que teve início a partir da colonização da América e do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado, padrão esse até hoje hegemônico, e a partir desse ponto, analisaremos de que maneira esse padrão influenciou e continua influenciando em diversos campos inclusive na colonialidade do ser e do saber. Os sujeitos históricos que estudamos nos mostra que a escrita da história também pode ser vista como a história da força, violência, dominação e territorialização através do estabelecimento de fronteiras. Somos apegados socialmente à crenças, costumes e mentalidades e expostos a sobreposição destes a partir da colonização, onde indígenas e negros foram exterminados, escravizados e marginalizados, durante séculos vivendo de acordo do que os moldes europeus e suprimindo o seu próprio ser. Ainda que em desvantagem estamos nos estabelecendo epistemologicamente e através da escrita e da oralidade iremos ampliar o molde das mentalidades desse sistema mundo capitalista em que vivemos. Em sala de aula o professor é um mediador que irá compartilhar com os estudantes, saber usufruir de seus referenciais teóricos e historiográficos com as experiências vividas dos estudantes conciliando esses conhecimentos para que o aprendiz possa memorizar/absorver melhor aquele conteúdo, é como se a história que está posta nos livros didáticos se entrelace com a história do tempo presente, para poder se tornar mais palpável aos olhos da turma, dando sentido ao ensino e aprendizagem da história. Ver e fazer com que os estudantes se enxerguem quanto sujeitos históricos, pertencentes a esse passado, construindo dessa forma uma identidade.

Transpassando sob a ótica do desenvolvimento mental da criança na parte da adolescência segundo Piaget, interligando aos processos de formação social da mente de Vygotsky. Irei utilizar uma pesquisa realizada por mim, em um colégio estadual de um bairro periférico da cidade de Foz do Iguaçu, junho de 2017, com jovens do nono ano.

Como é sabido a lei 10.639/03 tem como objetivo fazer-se obrigatório o ensino sobre a história e a cultura afro-brasileira, o ponto principal nessa minha pesquisa foi saber se o livro didático¹³ como o fornecedor de fontes históricas e objeto principal de estudo dos estudantes vem desempenhando essa tarefa, ou o seu conteúdo ainda precisa sofrer alterações, e qual é o tipo de impressão que o livro causa no estudante, se o mesmo se vê e sente-se representado na história que lhe é ensinada e de que maneira (positiva ou negativamente), se percebe algum tipo de preconceito racial e se isso tem algum tipo de influência na sua construção identitária e no seu papel de sujeito histórico e no seu contexto social. Segundo Piaget (2006) ainda que na adolescência o jovem passe por oscilações hormonais e instabilidades estas são provisórias, pois dali sairá um equilíbrio superior ao que existia anteriormente na segunda infância. Retomando ao tema, teria o livro didático interferência na subjetividade do estudante com relação a sua identidade? Ao questionar as estudantes, de qual seria a cor da pele delas, todas tiveram uma resposta inicial que pareceu ser um escudo por de trás de diversos episódios racistas que todas haviam vivenciado. No decorrer do diálogo fazendo paralelos da história do livro didático (BOULOS, 2015), em conjunto com leituras realizadas no decorrer do meu início de vida acadêmica, as mesmas passaram a sentir mais liberdade e confiança para compartilhar suas experiências e até mesmo relatar fatos ocorridos¹⁴.

Como fala Paiva (2010) é a partir das relações sociais que os sujeitos vão tecendo seu próprio desenvolvimento dentro dos processos histórico-culturais, pensando este presente trabalho como uma estudante de história licenciatura, em sala de aula o professor é um mediador que irá compartilhar com os estudantes, saber usufruir de seus referenciais teóricos e historiográficos com as experiências vividas dos estudantes conciliando esses conhecimentos para que o aprendiz possa memorizar/absorver melhor aquele conteúdo, é como se a história que está posta nos livros didáticos se entrelace com a história do tempo presente, para poder se tornar mais palpável aos olhos da turma, dando sentido ao ensino e aprendizagem da história. Ver e fazer com que os estudantes se enxerguem quanto

¹³ BOULOS JÚNIOR, Alfredo. Sociedade e cidadania. São Paulo: FTD, 2015. Coleção História. (6º, 8º, 9º ano)

¹⁴ LVF: “É que o livro ele conta o mais importante e do lado positivo dos brancos e as partes que também tem os negros, eles encurtam porque pra eles, eles acham que não tem importância.”

Eu: “Os conteúdos abordados nos livros didáticos trazem conteúdos de importância e reflexão?”

EMS disse: “Que eu já havia perguntado, mas, não havia e acabei pulando para a próxima.”

Eu: “Você se sente representada nos livros didáticos?”

LVF: “Bom sim pouco pro lado positivo e mais pro lado negativo.”

CARBUNCK, Ana Lúcia Crispim. Relatório de Estágio I. UNILA, Foz do Iguaçu, 2017.

sujeitos históricos, pertencentes a esse passado criando uma identidade. A sala de aula tem um papel político essencial (consciência histórica) na vida dos estudantes sendo o professor o orientador desse processo de absorção, pois ele irá através de sua metodologia incorporar determinados assuntos, ainda que ele não seja o pesquisador, ele agregou-se do conteúdo para compartilhar.

Rockwell (2007) ressalta que é importante observar quais são as intensões políticas por detrás dos discursos, assim como da relevância da necessidade de estudar a realidade concreta, imersa em histórias regionais e nacionais. Buscando a presença estatal e civil na realidade cotidiana da escola e, compreender o cotidiano como momento do movimento social. Creio para esse artigo seja crucial descobrir como remodelar a prática do ensino de história e suas metodologias, para que não apenas a história oficial constituída a partir dos documentos oficiais seja válida, mas sim toda a história que constitui a realidade do Brasil e do seu povo. Para isso é importante compreender a escola a partir da historicidade, e compreender historicamente as relações sociais e entender a escola como produto histórico e o estudante como sujeito histórico. Sua crítica vai no sentido de que a escola não pensa nos sujeitos e sim nas estruturas, e que a sociedade só muda quando o sujeito toma noção da situação pois a força das categorias naturais emerge da realidade. E como vimos acima o livro didático interfere na subjetividade do estudante com relação a sua identidade.

Como HOOKS (2013) propõem em seu livro, esse trabalho visa um meio para que o ensino e a experiência de aprendizado possam ser trabalhados de um modo diferente e diverso, transgredindo a educação tradicional que trabalha apenas uma visão historiográfica, onde as outras são tratadas de maneira pífia, tenho para mim, assim como outros autores que trabalham com essa temática e bem como HOOKS (2013) fala, que educar uma criança negra é um compromisso político e mais do que isso, social e identitário. Desde o início da constituição colonial, a cultura negra não tinha mérito aos olhos dos colonizadores, no entanto, sua presença como mão de obra proveniente do trabalho escravo era indissociável ao processo de construção colonial, toda essa hierarquização do ser, do saber e do poder e esses dualismos criados são encobertos por estruturas institucionalizadas que legitimam essas limitações sociais e estruturais que originam na exclusão e inferiorização do outro não europeu, principalmente através do Estado. Os negros foram obrigados a se habituar a novos processos culturais, sociais e linguísticos, por mais que a questão racial os unissem, estamos falando de a respeito de

povos de diversas partes do continente Africano, que possuem uma rica diversidade linguística e cultural, trazendo consigo todas essas diferenças, conflitos e identidades. Obrigados por seus senhores a abandonar todas essas especificidades e adentrar em outro processo cultural, sociolinguístico e religioso que durante todo esse período foi um dos meios e modos de resistência negra. A formação do povo brasileiro deu-se de modo incisivo e nossa herança histórica traz consigo alicerces que foram calçados nesse solo de maneira desastrosamente funesta e letal. Reflexos de impetuosos recortes racistas, classista e de gênero, que implicam diretamente em aspectos socioculturais nos dias de hoje. Os negros no Brasil colônia estavam fadados aos trabalhos braçais e em sua maioria, rurais. O avanço da industrialização e urbanização nos principais centros do país lhes foi impedido por muito tempo, com a aprovação da lei imperial nº 3.353, em 13 de maio de 1888, os negros passaram a poder circular livremente, porém não tinham direito a terras, nem tão pouco a um emprego digno, sendo assim marginalizados em aglomerações periféricas que posteriormente ficaram conhecidas como favelas.

A situação de inferioridade dos pardos e negros com respeito aos brancos persiste em 1990. Os poucos dados disponíveis mostram que 12% dos brancos maiores de sete anos eram analfabetos, mas os negros eram 30% e os pardos 29%. (RIBEIRO, 1995, p.234)

É possível ter a percepção acerca dos problemas sociais que afligem o negro no Brasil quando analisamos que quando ocorreu a crise de empregos na Europa, quase que simultaneamente aos processos que ocorriam aqui no Brasil, lhes foi ofertado oportunidade de nova vida, com emprego, educação e terras, trazendo um contingente de mais de quatro milhões de europeus para reestabelecer suas vidas em terras brasileiras, com direitos civis garantidos, sendo tratados como cidadãos e fazendo parte da economia local e se inserindo facilmente no mercado de trabalho. Outro fator preponderante nesse momento é o êxodo rural, que ocorria de forma estrondosa, gerando miséria e disputa por empregos. Esses fatores trouxeram consigo um elevado número de pessoas em um espaço curto de tempo para as áreas urbanas, gerando um crescimento populacional que trouxe consigo problemas estruturais para a arquitetura das cidades da época que não estavam preparadas, com a falta de saneamento e moradia, outros serviços urbanos também não correspondiam as demandas básicas da população que chegava.

A deterioração social nestes centros urbanos com um acúmulo populacional acima dos limites faz com que muitos comecem a criar seus próprios

comércios marginais, desanimados por viverem de modo precário, mas a religião e a música são os meios pelos quais muitos resistiram a todas essas adversidades, até o momento a educação ainda não havia chegado às pessoas que habitavam nas favelas, apenas a repressão. Germinamos nossas raízes em um sistema racista, patriarcal e burguês, assim como as demais colônias europeias. No entanto as especificidades brasileiras ainda são oriundas de uma época de obscuridade onde a grande massa é pobre marginalizada e em sua maioria negra e em constante luta para conseguir estabelecer-se econômica sócio e culturalmente. Lutar contra o distanciamento social criado pelas classes dominantes vem sendo o maior desafio das classes subalternas e marginalizadas, no entanto continuamos reestruturando nossas estratégias, com o ensino e a educação progressivamente as crianças e os jovens que decidirem seguir nessa área do ensino de história comecem a buscar novas perspectivas que preencham os vazios deixados pelo livro didático, onde este fala mais do passado, em um espaço muito limitado que é a escravidão e não explora outras vivências do povo negro no Brasil, fomentando assim a pesquisa no ensino de história afro-brasileira.

6. APRIMORAMENTO DAS METODOLOGIA DIDÁTICAS E PRÁTICAS DE ENSINO

A pesquisa do ambiente escolar para poder fazer diagnósticos sobre as práticas de ensino que estamos observando estão inerentes ao nosso processo de formação docente, tratar a pesquisa do ensino de história como um dos eixos principais para a formação do professor é primordial, pois é onde o estudante alinha a teoria e a prática a partir da observação e escrita dos resultados. É preciso saber que no decorrer de sua pesquisa de campo você terá que saber moldar suas expectativas de acordo com a realidade que está acompanhando. A interação da escola com a comunidade externa e comunidade acadêmica é essencial, a partir das parcerias existentes com o objetivo de fomentar a pesquisa e a melhora na qualidade do ensino para as partes. Me apeguei principalmente às relações sociais que se davam fora da sala de aula em um primeiro para posteriormente me inserir dentro da sala de aula. Esse projeto foi como um trabalho em conjunto e aqui transcrevi uma realidade a partir da observação e vinculação do cotidiano prático com a teoria e orientação por parte do meu orientador e professores da graduação, e que por conta disso, considero essa escrita acadêmica fruto de um trabalho em equipe.

Foi possível inferir que o livro didático é falho em diversos momentos, com professores e estudantes, mas nós quanto futuros professores devemos ter a percepção de captar as necessidades de cada estudante a partir de suas vivências pois

“É numa relação de diálogo e de escuta que a educação será uma relação de respeito à pessoa da criança. Respeito e compreensão ao seu comportamento e às etapas de seu desenvolvimento psíquico e afetivo.” (ARAÚJO, 2000, p.83-84)

Ser medido pela sua capacidade de absorção de conhecimento, levando em consideração que você depende de outro ser para adquirir aquele conteúdo, é problemático pois muitas vezes nos deparamos com professores sem nenhuma didática ou paciência em transmitir os saberes para seus estudantes, o livro didático nessas horas é um aliado do estudante, pois, ali está tudo sistematizado de maneira simples e com muitas imagens e explicações de fácil entendimento. Para que haja uma aprendizagem significativa é preciso que tenha uma inserção e aplicação da lei 10.639/03, que foi posta de lado pelo governo atual, mas mesmo com todas as adversidades é preciso que o professor parta da realidade em que está. Pois somos os mediadores e compartilharemos nossos conhecimentos teóricos e historiográficos e iremos deixar parelho com a vivência de cada estudante a partir de uma didática e metodologia que nos possibilite esse processo.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Problematizar a representação do negro no livro didático, buscando entendimento acerca de problemas sociais que contaminam a epistemologia. Talvez uma das maiores violências da colonização tenha sido a proibição da fomentação e produção do conhecimento, para os que foram subjulgados e condenados a serem submissos aos saberes dos seus senhores. A historiografia oficial omite e diminui fatos que devem ser fortemente considerados para que possamos fazer uma releitura e compreender a respeito de como chegamos até aqui com tantos problemas estruturais. A história oficial conta uma parcela dos acontecimentos, a história dos vencedores prevalece a dos vencidos, o restante está fragmentado e fadado ao esquecimento, entender a complexidade do processo para poder reconstruí-lo e reescrever é um dos principais alicerces deste trabalho. A luta do negro no Brasil iniciou-se quando o primeiro navio negreiro saiu da África atracou em portos brasileiros, continuou com a resistência, fugas, revoltas e a constituição dos quilombos, seguindo até a luta abolicionista e a concretização da

abolição no país, a criação dos movimentos negros a partir dos anos 30 e seguimos até hoje.

Um dos principais questionamentos que nos vem em mente é: O que precisamos saber para podermos ter um resultado positivo com relação à aprendizagem dos estudantes? O conhecimento acadêmico/científico é indispensável e sabemos disso, mas também sabemos que de nada vale ter um vasto conhecimento sem ter a facilidade de saber compartilhar os ensinamentos obtidos. É preciso que se vá além do que nos proporciona o livro didático por exemplo, porque este como dito anteriormente muitas vezes não atende a necessidade da realidade do professor, para que os estudantes consigam ter uma aprendizagem significativa. Encontrar o equilíbrio entre o conhecimento científico, pedagógico e ter a percepção acerca da aprendizagem partindo da visão do aluno tal qual compreender que cada qual possui suas especificidades é essencial para que a história apresentada nos livros e na academia entre em contato com as vivências de cada estudante sem que haja um choque de realidade e contraste, e sim encontros de experiências que podem ser construídas juntas a partir de perspectivas diversas. O ambiente escolar é um microcosmo extremamente diverso que vai além do processo de ensino e aprendizagem, permeia as relações interpessoais e o professor precisa saber lidar com todas as situações que este meio proporciona, por conta disso o professor não pode ser um sujeito neutro neste ambiente, pondo por baixo que a aprendizagem deve ter somente como objetivo a cognição pois, é preciso que se de valor para as relações afetivas, seja estas criadas dentro ou fora da escola, e o professor precisa saber lidar com isso para que o estudante possa constituir seu lado sensível e humanizado e inteligível. O mapeamento apresenta uma defasagem a partir dos livros didáticos que influencia diretamente na relação professor – estudante, com a aula oficina é possível notar muito mais além do déficit na aprendizagem de história a partir das respostas. Podemos, com os resultados das pesquisas confirmar que o que Bell Hooks (2013) fala em seu livro sobre o fato de ensinar uma criança negra ser um compromisso político, ato esse que nos permite auxiliar no processo de libertação de consciência histórica e criação de uma identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **TENDÊNCIAS ATUAIS DA PESQUISA NA ESCOLA**. Cad. CEDES vol. 18 n. 43 Campinas Dec. 1997.

ARAÚJO, Valéria Amorim Arantes de. Cognição, afetividade e moralidade. In: Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.26, n.2, p. 137-153, jul./dez. 2000. pp.137-153.

BARCA, Isabel. **Aula oficina: do Projeto à avaliação**. Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, p. 131-144, 2004.

CAVALLEIRO, Eliane. **Valores civilizatórios, dimensões históricas para uma educação anti-racista**. In: Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (MEC/SECAD), Brasília, p.15, 2006.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2013.

PAIVA, Núbia Silvia Guimarães; **NUNES**, Liliane dos Guimarães Alvim; **DEUS**, Mariana Ferreira de. **A construção da identidade da criança na educação infantil numa perspectiva histórico-cultural**. 2010. 96 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Uca, Uberlândia, 2010.

PEDROZA, Regina Lucia Sucupira. **Psicanálise e Educação: análise das práticas pedagógicas e formação do professor**. Psic. da Ed., São Paulo, 30, 1º sem. de 2010, pp. 81-96.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. 5. reimpressão. 24. ed. Rio de Janeiro: Fo-rensê Universitária, 2006a. (Original publicado em 1964).

PINTO, Álvaro Vieira. **CIÊNCIA E EXISTÊNCIA** (problemas Filosóficos da Pesquisa Científica). 1 ed. Rio de Janeiro, Editora: Paz Terra Rio. Ano: 1969.

RIBEIRO, Darcy. **O POVO BRASILEIRO: A formação e o sentido do Brasil**. 1ª reimpressão; São Paulo: Companhia Das Letras, 1995.

ROCHA, Edmar José da; **ROSEMBERG**, Fúlvia. **Autodeclaração de cor e/ou raça entre escolares paulistanos(as)**. Cad. Pesqui., São Paulo , v. 37, n. 132, p. 759-799, Dec. 2007 . Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000300012&lng=en&nrm=iso>. access on 12 Oct. 2017.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742007000300012>.

ROCKWELL , Elsie; Ezpeleta, Justa. **A escola:** relato de um processo inacabado de construção. Revista Currículo sem Fronteiras, v. 7, n.2, pp.131-147, jul./dez 2007. Disponível em www.curriculosemfronteiras.org/vol7.

SILVA, Ana Célia da. **Ideologia do embranquecimento.** Identidade negra e educação. Salvador-BA: Ianamá, 1989.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. **Cultura Escolar:** quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. Editora UFPR; Educar, Curitiba, n. 28, p. 201-216, 2006.

SILVA, Petronilha Beatriz G. Parecer CNE/CP 003/2004 - Lei 10.639/03. In: **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais.** Brasília: SECAD, 2010.

VIÑAO-FRAGO, Antonio. El espacio y el tiempo escolares como objeto histórico. In: Warde, M. J. (org). Contemporaneidade e Educação. Temas de História da Educação. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Cultura da Educação, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.191 p. 3. ed.

VYGOTSKY, L. S. **Aprendizagem e Desenvolvimento Intelectual na Idade Escolar.** In: VYGOTSKY, L. S. ; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem . Tradução de Maria da Penha Villalobos, São Paulo: Ícone, 2001.

ZIMRING, Fred. **Carl Rogers.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

ANEXOS

ANEXO 1 – Mapeamento realizado com os professores da rede estadual de ensino

MAPEAMENTO ACERCA DOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA, EM ESCOLAS ESTADUAIS DE FOZ DO IGUAÇU.

1) Para quais anos escolares você leciona? Quais são os quesitos que você como professor de história utiliza para decidir qual livro didático utilizar em suas aulas? Além do livro didático você utiliza outras metodologias ou materiais didáticos para complementar assuntos defasados?

2) O livro didático de história utilizado em suas aulas atende as demandas da lei 10.639? Você acredita que seja importante a discussão sobre os assuntos trazidos pela lei, para que os estudantes tenham uma percepção mais ampla sobre cultura afro-brasileira?

3) Como o livro didático de história trata o período do tráfico de escravos no Brasil?

4) Fazendo um panorama acerca do livro didático de história, como o negro é representado nas imagens e narrativas?

5) O livro didático trabalha historiografia africana? Quais temas acerca historiografia afro-brasileira são tratados no livro didático?

6) Quantos alunos negros ou pardos você tem por sala de aula? Você acredita que fatores sociais e de classe inferem na permanência desses estudantes na escola?

7) Você já presenciou alguma situação de preconceito racial em sala de aula ou na escola em que trabalha? Qual foi sua reação?

Caso queira comentar a respeito de algo que não foi apontado acima, sinta-se à vontade:

Pesquisa realizada para trabalho de conclusão de curso de história licenciatura, o trabalho tem como tema: "O NEGRO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: Representatividade e desafios historiográficos." Caso tenha interesse em realizar uma aula-oficina com seus estudantes a respeito do assunto entre em contato! "CINE DEBATE E ANÁLISE DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS", entre em contato através do e-mail caso tenha interesse.

Muito obrigada por contribuir com a minha pesquisa, caso tenha alguma consideração a mais para fazer, ficarei feliz em receber:
ana.carbunck@ahuno.unila.edu.br

ANEXO 2 – Questionário realizado com os estudantes durante a aula oficina

QUESTIONÁRIO - CINE DEBATE E ANÁLISE DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS

Série: _____ Idade: _____ Gênero: _____
Cor/Raça: _____

“Textos fazem parte desses eventos sociais e, porque estão vinculados às práticas e às estruturas sociais, são capazes de gerar poderes causais nas pessoas, mudando suas maneiras de pensar, suas crenças e suas atitudes. Fairclough (2003, p. 25), baseado em Giddens (2003), afirma que cada prática social é uma articulação dos diversos tipos de elementos sociais que estão associados às diversas áreas da vida social. A prática social medeia a estrutura social e eventos sociais, como pode ser visto no esquema 1, a seguir.

Esquema 1 – Estrutura social e evento sócia

Práticas Sociais

Estrutura Social ←————→ Eventos Sociais.”

Fonte Bibliográfica: OLIVEIRA, Kelly Cristina de; PIMENTA, Sonia Maria de Oliveira. O racismo nos anúncios de emprego do século XX. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 16, n. 3, p. 384, set./dez. 2016.

1) Após assistirmos a primeira parte do documentário “História da Resistência Negra no Brasil”, e de acordo com o texto acima como você avalia os anúncios do ano de 1854? Quais são as diferenças que pode perceber entre estes e os que estão datados de 1900 em diante? Comente:

2) Os assuntos tratados hoje na oficina são abordados com frequência em sala de aula? De que forma? Você acredita que seja importante conhecer mais a respeito da história do negro no Brasil, por quê? Comente:

3) A partir de uma análise do mercado de trabalho é possível observar suas necessidades de mão de obra e

demanda, durante o período de transição do negro da condição de trabalhador escravo para trabalhador livre, podemos perceber problemáticas sociais através dos anúncios de jornal, de modo subjetivo. Analisar uma fonte histórica é um meio para reviver fatos que aconteceram e se questionar a respeito desses acontecimentos, os negros tiveram sua liberdade concedida através da Lei Imperial n.º 3.353, mais conhecida como “Lei Áurea”, sancionada em 13 de maio de 1888, foi o diploma legal que extinguiu a escravidão no Brasil. É possível notar a inserção do negro ao mercado de trabalho e em outros setores da nossa sociedade a partir dessa data? Nos dias atuais, você acredita que os negros tenham melhor acesso à emprego e educação? Por fim, você acredita que discussão a respeito da questão racial é relevante para esse assunto?

4) A partir da sua perspectiva de estudante, descreva como os negros são retratados nas imagens e narrativas do livro didático de história utilizado em sala de aula, a partir dele é possível ter um panorama a respeito da história africana e afro-brasileira? Na sua opinião qual é a importância de conhecermos esse recorte histórico para a nossa formação social e intelectual?

Escreva um pequeno poema, verso, frase ou faça um desenho para refletir a respeito do assunto trabalhado hoje:

Sua opinião é muito importante. Muito obrigada por participar!
“África é longa metragem, mas eles querem que seja um curta.”
Afro Rap - Rincon Sapiência (Rapper Brasileiro).

ANEXO 3 – Plano da aula oficina

CINE DEBATE E ANÁLISE DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS
DURAÇÃO: 01 hora e 10 minutos, tempo mínimo, podendo se estender de acordo com as possibilidades de tempo e interesse das partes até 02:00 horas.
EMENTA
Estudo da história e cultura africana e afro-brasileira. A história afro-brasileira e a compreensão dos processos de diversidade étnico-racial e étnico-social na formação social, econômica e cultural do Brasil. O processo de naturalização da pobreza e desigualdade social no processo de formação da sociedade brasileira.
OBJETIVO GERAL
<ul style="list-style-type: none">- Valorização dos estudos afro-brasileiros e preservação histórica para fortalecimento no processo construção de identidade.- Possibilitar reflexões sobre o processo histórico do negro no Brasil, desde seu ponto inicial até os dias atuais.- Reunir as concepções trazidas pelos estudantes e estimular questionamentos para podermos tecer o entendimento acerca do tema.
OBJETIVO ESPECÍFICO
<ul style="list-style-type: none">- Observar de que forma o negro é colocado nos anúncios no jornal e como são substituídos por europeus ao longo dos anos após a vinda dos europeus para suprir a política eugenista de branqueamento da população brasileira.- Promover um breve debate sobre como o estigma posto sobre os negros pós lei áurea foi um fator atenuante para a marginalização e discriminação da população negra do Brasil.- Discutir como o processo de valorização da população negra vem se moldando no Brasil.- Analisar por fim o que os estudantes realmente entendem a respeito de história afro-brasileira, qual o nível de interesse deles a respeito do assunto e mais do que isso, analisar onde nós professores devemos aprimorar nossas metodologias didáticas e práticas de ensino.
CONTEÚDO
A trajetória do negro no Brasil, tráfico de escravos, revoltas dos negros contra a escravidão, a constituição dos quilombos, cultura e religião, repressão e resistência, política de branqueamento, do esquecimento à luta por direitos civis garantidos por leis que fortaleçam a população negra, cultura e história.
ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA
<ul style="list-style-type: none">- Assistiremos o documentário História da Resistência Negra no Brasil - Documentário de José Carlos Asbeg, que faz um resumo de todo histórico afro-brasileiro. Abriremos um espaço de tempo de pelo menos 10 minutos para falar a respeito do documentário. (Total de: 30 minutos)- Posterior a isso iremos, analisar edições do jornal Correio Paulistano, de anos variados entre 1854 até 1912 e observaremos especificamente os anúncios que são feitos referente à compra e venda de escravos, fugas e outros, e a transição após a lei imperial nº3353, que foi sancionada em 13 de maio de 1888, extinguindo a escravidão no Brasil. O tempo para essa atividade deve ser de ao menos 10 minutos, podendo ser realizada em grupos de até 4 pessoas, cada grupo pegando pelo menos 2 fotocópias referente à 1854 e 2 fotocópias posterior à 1900, para fazer uma comparação, as fotocópias também podem circular entre os grupos para que todos

vejam todas. Usaremos mais 10 minutos para falar a respeito dos anúncios com todos. (Total de: 20 minutos)

- Após o debate a respeito do documentário e a análise documental, os estudantes irão responder algumas perguntas pertinentes ao tema trabalhado na oficina, relacionando com suas experiências em sala de aula quanto estudantes e pessoais, sobre o que ele compreende acerca dos assuntos tratados. (Total de: 20 minutos)

RECURSOS

Notebook
Projektor de imagens
Caixa de som
Fotocópias do Jornal Correio Paulistano (1854 à 1912)
Questionário

REFERÊNCIAS

Biblioteca nacional – Acervo digital: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>
Documentário de José Carlos Asbeg – História da Resistência Negra no Brasil (Parte 1). <https://www.youtube.com/watch?v=68AApIpKuKc>

OLIVEIRA, Kelly Cristina de; PIMENTA, Sonia Maria de Oliveira. O racismo nos anúncios de emprego do século XX. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 16, n. 3, p. 381-399, set./dez. 2016.

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro – a formação e o sentido do Brasil.

São Paulo: Companhia das Letras. 2006.

ANEXO 4 – Alguns dos anúncios retirados do jornal correio paulistano, utilizados na oficina

A' Joaquim Bonifacio do Amaral fugio da sua fazenda das—sete quedas, —municipio de Campinas um seu escravo mulato, de nome Roberto, de idade de 17 annos mais ou menos, delgado e bem feito de corpo, de estatura aabixo ainda da ordinaria, cabellos grenhos, tem uma cicatriz profunda no nó da garganta, cuja ferida o deichou um tanto rouco, monta bem á cavallo e é bom pagem. Será gratificado quem o prender, ou d'elle der noticia certa.

AMA DE LEITE.
VENDE-SE uma boa escrava, moça, com muito bom leite, e sem vicio algum na rua de S. Bento n. 31.

REZUNTO de fiambre superior, chegado pelo ultimo vapor ao novo armazem da rua de S. Bento, canto da rua da Quitanda.

ENEE-SE uma negra de 38 annos, mais ou menos, sabe lavar, cosinhar, e é muito fiel ; não tem vicio algum. Quem a pretender dirija-se á casa de Joaquim Sertorio, para tratar.

S. PAULO.— 1854. — Typographia IMPARCIAL de Marques & Irmão.
Rua do Imperador n. 1.

Vende-se bilhetes, Na mesma, caza, completo sortiment.

Imagem 01- Correio Paulistano - Ano 1854 - Edição 00030

Preciza-se allugar um moleque: para tratar na rua nova n.º 55.

Figura 02 - Correio Paulistano - Ano 1854 - Edição 00035

ANNUNCIOS.

A MARCELLINO GEBARD, fugio de sua chacara da — Agua Branca, — um seu escravo mulato de nome Luiz, de idade 30 annos, bem feito de corpo, barbado; levou calça e jaqueta de pano azul e chapéo de pello. Será gratificado quem o apprehender ou delle der noticia certa. Este escravo foi do fallecido cirurgião-mór Constandio José Xavier Soares.

Imagem 03 - Correio Paulistano - Ano 1854 - Edição 00032

ATTENÇÃO.

Fugio no dia 18 do corrente, á H. Bastide, um preto, por nome José; representa ter 35 á 40 annos de idade, de estatura regular, bem barbado, e tem uma cicatriz na cabeça e outra no braço direito, e levou vestido, calça de lã azul escura e camisa branca, quem o apprehender e levar no Piques a José Luiz de França Pinto, será gratificado. S. Paulo 18 de julho de 1854.

Preciza-se de um habil feitor, para uma chacara nesta cidade, que dê fador á sua conducta. Prefero-se que seja casado. Dirija-se ao largo do Palacio n. 4.

MUITA ATENÇÃO, AMIGOS!

Roga-se ao Sr. que mandou 44:000\$000 rs. para o Rio de Janeiro, para ter á disposição, que tenha a bondade de incurrar mais a lingua, pois que do contra-

Rua do Com

LOTTA

Vende-se bilhetes, meios bilhetes, quartos
Na mesma, caza, vende-se chá Hyssom
completo sortimento de ferragens por prec

A rua Direita n. 28 vende-se um bonito muleque de quinze a dezeseis annos, muito bom pajem, e sabe lidar bem com animaes; não tem vicios e é sadio: o motivo da venda se dirá ao comprador, na mesma caza compra-se uma negrinha que não exceda a dezeseis annos.

Imagem 04 - Correio Paulistano - Ano 1854 Edição 00024

CORREIO PAUL

Cozinheira — Offerece-se uma boa cozinheira brasileira; rua Aymorés, n. 34.

DEZENHOS e estudos em construções e engenharia civil. Albert Hodge, rua da Liberdade, 13.

30 - 14

INGLEZ. — Lições e conversas em casas particulares, ou na rua da Liberdade 13, por o Londrino, Albert Hodge.

30 - 14

Jardineiro — Offerece-se um português para jardineiro e mais algum serviço domestico; rua Toledo Barbosa, n. 24.

Materiaes usados para construção. Compra-se, a preço de ocasião: tijolos, telhas e madeiramento. Offerta a X, neste escriptorio.

6 -

Natal, Anno Bom e Reis — Artigos para presentes com pouco dinheiro e muita figura só se encontram no Bandoirante — Rua S. João, n. 83.

30 - 14

Offerem-se duas moças allemãs para cozinheiras; rua do Ypocanga, n. 6

Offerce-se uma moça portugueza para qualquer serviço de casa de familia seria, menos lavar e cozinhar, de boas referencias; trata-se á rua Itambé, n. 15 — quarto 15.

Offerce-se um moço portuguez, de 20 annos de idade, com bastante pratica de «chauffeur», dando boas referencias; tratar á rua Mixta, n. 21-A, Braz.

Offerce-se uma mulher para serviços domesticos e uma menina para pagem; rua Victoria, n. 11.

Pratos de porcellana branca de Limoges a 9\$ a duzia, chicaras para chá de porcellana a 8\$000 no Bandoirante, Rua S. João, n. 83.

30 - 14

Preços correntes de louças e artigos de uso domestico acompanhando gravuras de diversos artigos, peçam no Bandoirante. — Rua S. João, n. 83. Caixa postal, n. 723.

30 - 14

Sabão Sunlight pacote 400 réis. Papel Mikado, pacote 500 réis, só no Bandoirante, Rua S. João, n. 83.

30 - 14

Pequenos annuncios

ALBERT HODGE offerece seus serviços em serviços de engenharia civil, e lições em inglez. Rua da Liberdade, 13.

30 - 14

Ama — Offerece-se uma portugueza, com leite de 5 mezes e de 20 annos de idade; rua Mixta, n. 52.

Ama — Offerece-se uma portugueza, de 24 annos de idade e de primeiro leite; trata-se á rua Silva Telles, n. 1-A.

Ama — Offerece-se uma portugueza, avenida Celso Garcia, n. 556.

Ama — Offerece-se uma portugueza tratar á rua Barão de Ladario, n. 119, Braz.

Copeiro — Offerece-se um menino japonéz para copeiro de casa de familia; rua Conde de S. Joaquim, n. 3.

Cozinheiro — Offerece-se um cozinheiro para casa de familia de tratamento; rua Helvetia, n. 61.

Cozinheira — Offerece-se uma boa cozinheira nacional, fazendo tambem outros serviços de casa; rua Ribeiro da Silva, n. 85.

Cachepots para pintura, pratos, vasos e mais artigos de louça de barro completos e variado sortimento no Bandoirante. — Rua S. João, n. 83

30 - 14

ANEXO 5 - Resposta de alguns estudantes da oitava série referente à questão aberta do questionário aplicado na oficina

Escreva um pequeno poema, verso, frase ou faça um desenho para refletir a respeito do assunto trabalhado hoje:

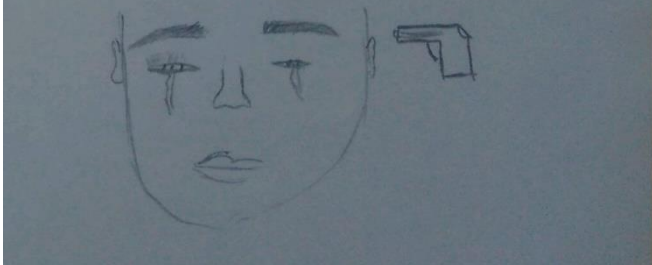


Imagem 07 – Desenho feito por um estudante da oitava série.

Escreva um pequeno poema, verso, frase ou faça um desenho para refletir a respeito do assunto trabalhado hoje:

Negros merecem respeito
não chicotados

Imagem 08 – Frase escrita por estudante da oitava série.

Escreva um pequeno poema, verso, frase ou faça um desenho para refletir a respeito do assunto trabalhado hoje:

O preconceito racial é uma
"doença" que deve ser eliminado
do sociedade brasileiro

Imagem 09 – Frase escrita por estudante da oitava

Escreva um pequeno poema, verso, frase ou faça um desenho para refletir a respeito do assunto trabalhado hoje:

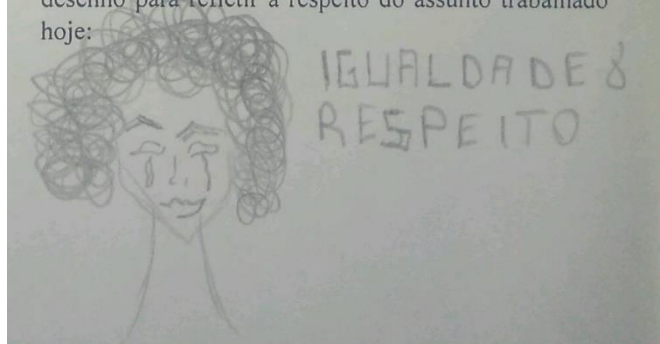


Imagem 10 - Desenho feito por estudante da oitava